

TCHWEKA

112B

**M
P
L
A**



órgão informativo dos

S R I



- INFORMACOES DIVERSAS

- Discurso de MARCELO CAETANO - 2/4/71

- Exposição do gen. KAULZA D'ARRIAGA

A/001 - Afin de sustentarem esta guerra, os colonialistas portugueses procuram ^{além de mais} roubar as nossas riquezas naturais. O petróleo angolano explorado no distrito de Cabinda so durante o mes passado atingiu o nível mais alto desde **que** se começou a sua exploração - 1.500.000 barris e vendidos ao Japão e a Dinamarca.

Agora é a vez do nosso urânio no distrito do Huanbo. Os técnicos da Junta da Energia Nuclear, este ano, vão promover os trabalhos de prospecção do nosso mineiro radioactivo, localizado nas áreas de Longonjo, Caala, Chimboa, Capula e Chilleso.-

A/001 - Os colonialistas portugueses modificam mais uma vez as estruturas militares em ANGOLA. Os distritos de Lunda, Bié, Moxico e Cuan-do-Cubango, passam a fazer parte de um só Comando - COMANDO TERRITORIAL LESTE - com o "Estado-Maior" na capital do distrito de Moxico - LUSO. Esta nova estrutura entrou em vigor a partir do 1 de Maio último.

A/001 - O Brigadeiro fascista JOSE MANUEL BETTENCOURT RODRIGUES, ex-Chefe do Estado-Maior da Região Militar de Angola (15.12.1961 a 6.1.1964), mais tarde foi Ministro do Exército até aos princípios de 1970, foi nomeado como Comandante do COMANDO TERRITORIAL LESTE.-

O RECONHECIMENTO É UM DOS ELEMENTOS MAIS IMPORTANTE PARA A SEGURANÇA DE TODAS NOSSAS ACCÕES.

O RECONHECIMENTO DEVE ATENDER OS SEGUINTE PONTOS FUNDAMENTAIS:

- CONTINUIDADE,
- 2 OPORTUNIDADE,
- CERTEZA NAS INFORMAÇÕES. 2

A CONTINUIDADE DO RECONHECIMENTO É CONSEGUIDA, FAZENDO O RECONHECIMENTO ANTES E DEPOIS DE QUALQUER ACCAO, DE DIA E DE NOITE, EM QUAISQUER CONDIÇÕES DE TERRENO E EM QUALQUER TEMPO.

A OPORTUNIDADE DO RECONHECIMENTO É CONSEGUIDA EM OBTENDO AS INFORMACOES COM ANTECIPAÇÃO, PARA QUE AS ACCÕES INIMIGAS NÃO NOS SEJAM INES-

PERADAS E PARA QUE OS COMANDOS POSSAM ~~DESCO~~BRIR O CARÁCTER DAS FUTURAS ACCÇÕES INIMIGAS E TOMAREM AS MEDIDAS APROPRIADAS.

A CERTEZA NAS INFORMAÇÕES E ASSEGURADA OBTENDO-~~AS~~ DE VÁRIAS FONTES, DEVENDO SEREM EXAMINADAS E CONFROTADAS ESCRUPULOSAMENTE, VERIFICANDO NOVAMENTE AS INFORMAÇÕES OBTIDAS, FAZENDO UM RECONHECIMENTO SUPLEMENTAR PARA DESVENDAR OPORTUNAMENTE A ACTIVIDADE INIMIGA VISANDO A CONTRA INFORMAÇÃO E A DISSIMULAÇÃO E, AINDA DESCOBRINDO E DISTINGUINDO OS PLANOS INIMIGOS SE VERDADEIROS OU FALSOS.--

A/001 - Os colonialistas portugueses para poderem transportar o nosso mineiro que exploram em AN-LA, a Marinha Mercante Portu-guesa comprou o maior navio de cargas de mineiro, denomi-nado "CASSINGA" de 32.209 tone-ladas e 202 metros de comprimen-to. Este navio pertence a C.N. N. (Companhia Nacional de Nave-gação).

AONDE FOI CONSTRUIDO ESTE BAR-CO?

FOI CONSTRUIDO nos estaleiros navaís de SZCZECIN (POLONIA) e entregue aquela Companhia em 9.1.971 no porto de Copenha-ga (Dinamarca).-

EXTRATOS DO DISCURSO PRONUNCIADO PE-
LO PROFESSOR MARCELO CAETANO PRESI-
DENTE DO CONSELHO DE MINISTROS DO GO-
VERNO FASCISTA E COLONIALISTA PORTU-
GUES, PERANTE OS DIRIGENTES DA A.N.P.
(ACÇÃO NACIONAL POPULAR).

Caetano, aludindo aos varios aspec-
tos da importancia tactica das activi-
dades da A.N.P. a uma certa altura di-
sse:

... "Mas, entao, a nossa ideologia e
puramente defensiva? Estaremos numa
simples posicao de defesa?"

Nao. Claramente que nao. Muito enbo-
ra defesa nao queira dizer passividade
e a melhor defesa seja a defesa activa
a defesa que nao espera pelo ataque,
mas previne o ataque e ataca para evi-
tar que o adversario o faca primeiro
ou em melhores condicoes.

O mundo ocidental esta debaixo de u-
ma ofensiva de grande estilo que tem
por objectivo destruir os proprios ali-
cerces da civilizacao que nele foi er-
guida. Civilizacao que constitui, mau
grado todas as inevitaveis imperfeicoes
de que sofra, legitimo motivo de orgu-
lho para os que construiuam atravez da
Historia.

Nessa ofensiva, Portugal e particu-
larmente visado. Uma vasta conjura in-
ternacional, com quartel-general nas
Nações Unidas, nas que dispoe por esse
mundo fora de numerosos conluizados obe-

dientes ao comando comunista ou a orquestração da propaganda contra o Ultramar Português, uma vasta conjura internacional, dizia eu, a cada passo, nos mais diversos países e pelos meios de informação mais variados, acusa Portugal, espalha sobre o País falsas notícias, difunde comentários onde a verdade é distorcida quando não atraíção, malsina projectos e intenções, lança atoardas absurdas, busca prejudicar os interesses nacionais ou dificultar por todas maneiras a nossa convivência internacional.

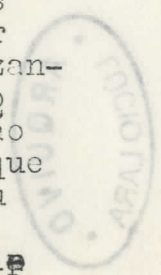
Infelizmente, há cá dentro quem rejubile com essa campanha. Mais: quem colabore nela. Com consciencia de traíção, uns. Inconscientes, outros. Todos, porém, maus portugueses.

Em discurso que proferi não há muito tempo, mas que nesse ponto me pareceu não ter merecido entre nós atenção devida, chamei eu a atenção do País para as características da guerra subversiva.

A guerra clássica travava-se entre exércitos, com a mobilização das retaguardas sin, mas para apoiar forças determinadas em acções espectacularmente desenvolvidas a luz do sol. Movimentava-se grandes massas de homens e até modernamente enormes parques de material, em monumentais operações terrestres, aéreas e navais que conduzia a uma vitória ou acarretavam uma derrota.

A guerra subversiva, porém, não tem nada desses aspectos. Alimenta-se de actos terroristas, disseminados por aqui e além, com atentados que criam a insegurança das populações e obrigam a dispersar tropas e policcias. Utiliza pequenos grupos, dotados de grande noblidade e beneficiando da iniciativa e surpresa. Em vez de procurar ocupar territórios e de travar batalhas campais o seu fim é a desmoralização das populações, acompanhada da infiltração de uma propaganda capciosa que, primeiro, abale os espiritos nas certezas adquiridas, depois, aproveite as dúvidas para criar a instabilidade e o descontentamento até finalmente, conquistar larga audiência e apoio que destrua os reflexos da defesa e a vontade de combater, conduzindo pela renuncia a capitulação.

Ora, nesta guerra não há frente nem retaguarda. A frente é em todos os lugares onde o terrorismo pratica os seus actos de violência, seja Cabo Delgado, seja Tancos. A frente está em todos os sitios e em todos os momentos em que o adversário procura instalar as suas ideias derrotistas, preconizando o abandono do Ultramar, incitando mancebos em idade militar a emigração ou soldados a deserção, insinuando que está ultrapassado o amor à Pátria ou que já não tem cabimento a ideia da Nação, minando até nas escolas officiais o moral da juventude e pregando, em palavras doces ou em cantatas nos-



nostalgicas, uma paz desvirilizada, feita de cobardias e de cedencias perante todas as reivindicações mais atrevidas ou os ataques mais audaciosos.

Sen pensar que nessas reivindicações e ataques existe uma agressividade guerreira. E que a capitulação perante tais combatentes não conduz a paz, mas a submissão. Submissão de escravos. Porque o mundo continua a ser dos que lutam. Ai dos que deixam cair os braços a sonhar com paraísos utópicos!

Há zonas quentes de subversão em certas parcelas, felizmente pequenas e entre si distantes, de algumas provincias ultramarinas. Mas na Metropole trabalha por elas e para elas uma quinta coluna! Não o esqueçamos nunca!

A Accao Nacional Popular, dizia eu, não tem uma ideologia meramente defensiva. Ataca. Ataca todos os meios anti-patrioticos. Ataca o anarquismo, ataca a revolução social, ataca as concepções comunistas, sejam elas russas, cubanas ou chinas, que prometem a felicidade dos povos, mas até hoje, onde foram applicadas, só acarretaram a miseria, a desgraça e a revolta das pessoas. Ataca as injustiças sociais, mas ataca tambem o egoismo das classes que na disputa dos seu interesses esqueçam o interesse supremo da Nação. Ataca o derrotismo que nega o vigor com que se trabalha em beneficio da grei e a-



com acção sistemática - los objectivos es
taca a maledicência sistemática que vi-
sa criar no espirito público a falsa
ideia de que pertencemos a um país
sem grandeza e sem virtudes. Ataca a
falta de fé, a falta de esperanza, a
falta de vontade em todos os sectores
da vida cívica em que ellas se manifes-
ten, congregando sempre e a todas as
horas os portuguezes para a acção que
renove montanhas e em cada dia deixa
ao dia seguinte um Portugal melhor.

Accção custosa, sem dúvida! Que o di-
gan quantos por esse país fora diris-
gen serviços públicos ou autarquias,
loxais! É fácil notar o que falta, É
facilissimo censurar uma carência, É até
náo é difficil criticar uma solução. Mas
por mais de pressa que se queira an-
dar- como custa e que tempo leva es-
tudar um problema, elaborar um proje-
cto, encontrar os recursos e os homens
para executar!

Apesar disso, apesar de todas as
dificuldades e obstáculos, em todo o
país se trabalha, na indústria priva-
da como nas obras públicas, A cada pas-
so, aquém e além-mar, se lançam gran-
des iniciativas particulares e se es-
tudam importantes realizações do Es-
tado. Mau grado a carestia de capi-
tais, a deficiência de tecnicos, a es-
cassez de mão-de-obra, o País esta a
viver um momento de arranque que po-
de ser decisivo para o nosso futuro.
Ponto é que haja consciência disso e
que as impaciências mal inspiradas ou

as agitações mal-intencionadas não venham prejudicar o que tão auspicioso se anuncia.

Claro que o movimento tem os seus riscos, tem os seus riscos. A estagnação parece mais cômoda, mas tem em si própria graves inconvenientes futuros. Nós tínhamos de caminhar e temos de caminhar cada vez mais ousadamente na senda do desenvolvimento e económico. Resulta daí um desequilíbrio momentâneo? Há quem fique para trás? Tudo isso é custo doloroso mas que se procurará não seja demasiadamente pesado a colectividade. A verdade é que perante nós está este dilema: estagnar, num em constante e acelerado movimento, ou entrar na competição mundial. E não creio que a escolha possa ser diferente daquela que fizemos.

O Governo orienta e comanda este esforço renovador, planeia, propõe e executa as reformas necessárias; mas cada vez mais a sorte do País depende da capacidade, da resolução, da tenacidade dos indivíduos.

Vejo com surpresa em certas escolas estar na moda das reivindicações de grupos estudiantis a abolição das classificações individuais, substituídas por meras apreciações do trabalho em equipa. Pretende-se, assim, passar uma rasoira que iguale na mesma mediocridade os que estudam e os

que não estudam, os inteligentes e os incapazes, os que tem vontade de ser homens e os que fazem da vida de estudante nero pretexto para passar os anos da juventude em estéril ociosidade ou em perniciosa agitação.

O valor individual é, sempre foi e continuará a ser o grande motor do progresso social"

... Devenos combater a campanha subversiva que tende a mininizar o valor social da chefia e a amesquinhar os que tem de dirigir, orientar e conduzir os seus concidadaos.

Devenos contrariar a onda denegridora de quanto representa a virtude de comando, a exaltação do heroismo e as abnegações da santidade.

Devenos evitar a moda que, pelos processos sub-repticios dessa linha de pensamento e de acção, põe "moderadores" onde antes estavam "presidentes" e procura submergir as acções directivas em interminaveis discussões dos subordinados.

... Os Governos, em todos os Estados, e qualquer que seja o rotulo da esquerda ou da direita com que apareçam, tem de ser os árbitros das aspirações e das reivindicações de grupos, classes ou regiões e os zeladores permanentes da realização do interesse geral.

... Por mim, já publicamente expliquei que a minha acção governativa não é da esquerda nem da direita: será o que convier o País.

Se ir ao encontro das exigências de reforma que se notam em tantos sectores da vida nacional e procurar renovar os obstáculos que se opõem ao progresso da Nação é política da esquerda, nem por isso deixarei de a seguir.

Mas se a manutenção da autoridade e das condições que permitam a defesa dos interesses vitais da Nação, e da ordem publica, sem a qual não é possível viver, trabalhar, progredir em paz, é política da direita, também esse rótulo não me impedirá de a pôr em prática.

Isto quer dizer que não estão comigo os que querem a revolução ou as reformas impensadas, anarquizantes e perturbadoras que desorganizem a economia do País ou desarmem os poderes do Estado.

Nem estarão comigo, tão-pouco, os que, arrogando-se o monopólio do patriotismo, a cada passo insinuam, injuriam, caluniam com vezenha as ideias, os actos e as intenções de quem, honesta e desinteressadamente consagra todos os momentos da sua vida ao serviço da Nação.

Podem, porém, estar comigo todos

aqueles portugueses - e são a multi-
dão, e são a máicria esmagadora -
que desejam a melhora das condições
de vida mediante reformas convenien-
temente estudadas e prudentemente
aplicadas, concebidas, não para fica
rem no papel, mas com o senso das
realidades que permita passa-las a
execução num ritmo firme e seguro.

Estarão conigo todos os portugueses
que varonilmente se disponham a lut-
tar e a suportar os sacrificios ne-
cessários para que Portugal não . . .
atraia os seus filhos que, num es-
forço portentoso, estão a construir
nas províncias de alén-mar uma obra
de espantoso alcance espiritual e ma-
terial, uma obra que é a continuação
no espaço e no tempo da própria Pá-
tria Portuguesa.

Estarão conigo todos os portugueses
que tendo a consciência do que repre-
senta um País sem apoio nem ajudas
estranhas bater-se em tantas frentes
militares, económicas e diplomáti-
cas, procuram colobarar neste gigan-
tesco esforço colectivo com o seu di-
nheiro, com o seu sangue e com a sua
compreensão das dificuldades nacio-
nais.

Estarão conigo todos os portugueses.
que se disponham a fazer frente a on-
da desmoralizadora e subersiva desen-
cadeada e impelida pelos mávinehtos
revolucionários, que as autoridades
civis, militares ou escolares não po-

den deixar expandir-se livremente
sob a pena de sermos vencidos na
frente interna metropolitana...

TRANSCRICAO INTEGRAL DA EXPOSICAO
FEITA ANTE AS CAMARAS DA R.T.P. (RADIO
TELEVOSAD PORTUGUESA), PELO GENERAL
FASCISTA KAULZA DA ARRIAGA, COMANDAN-
TE-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUE-
SAS EM MOÇAMBIQUE.

(Cópia do artigo intitulado "MELHORA
DEA DIA PARA DIA A SITUAÇÃO MILITAR
MILITAR EM MOÇAMBIQUE E CAMINHA-SE PA
PARA A VITORIA FINAL!" do jornal SECU-
LO de 20/3/971).-

- " O sr, general Kaulza da Arriaga fez ontem, ante as camaras da R.T.P. una extensa exposição acerca da forma como estão a decorrer as operações militares em Moçambique.
- " O Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, após una introdução em que explicou as razões do terrorismo que se fez sentir naquela província, focou a situação actual e as perspectivas futuras de cada um dos distritos moçambicanos mais directamente afectados pelos movimentos guerrilheiros.
- " Assin de acôrdo com o general Kaulza de Arriaga, a situação no distrito de Cabo Delgado, onde actua "um inimigo ben organizado e forte, con-

trolando massas significativas de populações", era a seguinte, em Abril-Maio do último ano:

"O inimigo mantinha três ou quatro linhas de infiltração das quais a de Onar especialmente importante; estabeleceu-se, entre a estrada Mueda-Mocimboa da Praia e o rio Mesalo, com certa solidez numa dezena de bases, de onde partiam as suas principais missões acções; e tinha alguns elementos a sul deste rio apontados a transversal Montepuez-Porto Anelia.

O mesmo inimigo havia preparado uma grande ofensiva que iniciou com a operação que designou por "estrada" de lançamento naciço de minas, tendo a paralizar as nossas forças e, assim, facilitar a que se lhe deveria seguir, que designou por "avanço", destinada a estender a subversão tão ao sul quanto possível.

Por nossa parte, tínhamos, em mais de duas centenas de aldeamentos, portanto, como antiga, massa considerável da população de Cabo Delgado e lançamos operações militares e psicológicas de acentuada envergadura.

Estas operações compreenderam e compreendem uma primeira fase de contra-ofensiva destinada a anular a acção inimiga e quatro outras fases de ofensiva com objectivos próprios.

" Na primeira fase, executada em Maio, estabeleceram-se pontes aéreas para abastecimento as unidades isoladas pelas linhas, levantaram-se estas, desimpedindo os itinerários, e eliminou-se a ameaça de avanço para sul. Deste modo se neutralizou a ofensiva inimiga.

Em 10 de Julho, iniciou-se a segunda da fase de operações, já predominantemente ofensiva, com a finalidade de fechar a linha principal de infiltração inimiga. Os resultados foram magníficos.

No mês de Julho, desenvolveu-se a terceira fase de operações, poucas mas de grande envergadura, destinadas a destruir as bases que o inimigo considerava como inexpugnáveis. Estas foram todas atingidas destruídas e ocupadas. Os resultados foram, também, excelentes.

Em todas as operações referidas combinou-se a acção militar com a psicológica.

No mês de Agosto, a actividade militar reduziu-se, dada a necessidade de render, por unidades frescas, idas da Metrópole, algumas das que, então, terminaram a sua consisação, mas a actividade psicológica intensificou-se acentuadamente. Foi a quarta fase da operação.

A partir do mês de Setembro, e com duração indefinida, decorre a quinta

"ta fase de operações militares e psicológicas, muitas e de pequena envergadura, cujos objectivos são o aumento progressivo da impermeabilização da fronteira; a manutenção de uma forte incidência militar sobre o inimigo que impeça ou elimine tentativas de reorganização e aumento constantemente a sua desarticulação, instabilidade e desmoralização; e a intensificação e extensão do clima psicológico promotor da dissociação do binómio inimigo/populações, da entrega de guerrilheiros e da apresentação de populações.

Estes objectivos estão a ser sistemática e progressivamente atingidos.

Simultaneamente com a quinta fase de operações, o Governo-Geral tem levado a efeito trabalhos de melhoramento de aldeamentos, de construções de outros e de preparação de estradas asfaltadas. Estes trabalhos contribuem significativamente para os objectivos referidos.

O nível de operações em curso é bastante para um êxito final, desde que o esforço em aldeamentos e estradas asfaltadas continue, como é perfeitamente possível, a crescer ao necessário ritmo.

No Niassa Ocidental e Oriental -
prosseguiu o sr. general Kaulza de

Arriaga - um inimigo fraco, ja anteriormente batido, controlando um ninino de populações, tem utilizado duas ou três linhas de infiltração e ten-se refugiado em locais de muito dificil acesso. A partir deles realizou e realiza algumas acções. Tamben, um ou dois grupos de sabotadores tem procurado atingir pontes sensiveis.

Do nosso lado, alén da existência de muitos aldeamentos, ten-se promovido uma acção permanente de patrulhanento, nas só agora, en face da evolução favorável da situação militar noutras areas, se poden lancar operações de maior envergadura. Algumas tiveram já resultados positivos.

A intensificação de tais operações resolverá o problema.

No Niassa Sul parte das populações encontra-se en regime de autodefesa sendo elas proprias, apenas como o apoio das nossas forcas, que perseguen e expulsan ou destroen os grupos inimigos que ousan aparecer. E, pois, uma area estabilizada.

Inicialmente, o inimigo, fanatizado pela ideia absurda de perturbara a construção de Cabora Bassa e esquecendo-se do principio básico de que a subversão só é possível con o apoio de populações, procurou fazer aproximar grupos de guerrilheiros da futura barragen, antes de conseguir

o aliciamento bastante das referidas populações. Assim, elegeu como primeiro objectivo Cabora Bassa e como segundo as populações.

Nós aqui, estabelecemos um dispositivo adequado, militar e para-militar, de segurança afastada, próxima e imediata da grande obra.

Assim, os grupos guerrilheiros inimigos foram detectados e repelidos ou destruídos, em regra, pela segurança afastada e, num caso ou noutro, pela segurança próxima. Nunca a segurança imediata teve de actuar.

Em face de insucesso, o inimigo, e tal foi anunciado pelo próprio presidente da Frelimo, mudou de estratégia, passando a considerar como primeiro alvo as populações e relegando para o segundo plano o objectivo Cabora Bassa. Assim, presentemente, o inimigo tenta obter o apoio das populações, usando com frequência, o terror como instrumento.

Por nossa parte, por um lado, sob a égide do Governo-Geral, iniciou-se a construção acelerada de aldeamentos e de estradas asfaltadas e, por outro, manteve-se o dispositivo plenamente eficaz de segurança de Cabora Bassa e intensificaram-se as operações militares com a finalidade de tornar cada vez mais difíceis as infiltrações, através da fronteira com a Zâmbia, de capturar ou des-

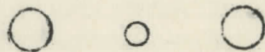
truir os diluidos elementos inimi-
gos infiltrados e de furtar as popu-
lações as acções violentas do inimi-
go.

Se, como é inteiramente viavel, o
progresso no aldeamento e asfalta-
gen de estradas se verificar em bom
ritmo, o problema subversivo de Te-
te atenuar-se-á progressivamente.

Assim, pode concluir-se que a situa-
ção em Moçambique e, particularmen-
te, nos distritos referidos de Óabo,
Niassa e Tete, melhora dia a dia, es-
tando-se no caninho da vitoria final
nal, naturalmente que em termos de
contra-subversão.

O sr. general Kaulza de Arriaga ter-
minou a sua exposição com palavras
de agradecimento a acção da Impren-
sa, em particular a moçambicana. E di-
disse:

O meu apelo é para que, cada vez na
mais profunda e extensamente, os
orgaos de Informação pública visi-
ten, analizen e dissequem o que, re-
lativamente as operações militares
e outras, se passa em Moçambique,
porque se passa e como se passa".-



"Para aqueles que nos dizem de economizar os quadros, de não expô-los fisicamente no combate, afim de poupar as suas vidas, a sua saúde ou a sua liberdade, porque eles serão necessários para ANGOLA de amanhã ou para a sobrevivência do Movimento, responderei que a guerra de libertação nacional não poderá ser feita sem os quadros; todo o quadro formado, seja qual fôr a sua especialidade, deve poder trabalhar no interior do País, para dar a sua ajuda na solução dos problemas da luta e da reconstrução nacional.

É a única atitude justa e revolucionária."



Ag. NETO
Presidente

0213
AG-04